

## LINGUAGEM, LIMITE E TRANSGRESSÃO EM FOUCAULT

**Maria Fernanda Guita Murad**

O objeto desse trabalho é a linguagem em Foucault e como sua conceituação oferece à clínica psicanalítica uma contribuição. O autor, com suas formulações sobre este tema, nos apresenta um corpo teórico que corrobora de modo bastante contundente a experiência psicanalítica enquanto práxis, no que diz respeito à linguagem com a qual trabalhamos. A partir do estudo sobre a loucura através da história, Foucault nos oferece uma nova concepção de linguagem, como um novo interdito, propondo, então, um novo interdito da linguagem. Através dos conceitos de limite e transgressão, o autor nos remete à possibilidade de uma linguagem transgressiva como constituinte do sujeito.

Diante da loucura, conforme descreve em seu trabalho de 1964, “A Loucura, a Ausência da Obra”, Foucault observa que esta foi a forma geral de transgressão durante décadas. Assim era vista e, por isso, isolada. Durante muitos anos a loucura foi colocada junto com tudo o que caracterizava o mundo falado e interditado da desrazão. Como **linguagem excluída**, pronunciando palavras sem significação ou deixando passar significações interditas, a loucura sempre foi um **“raro perigo”**.

Ao mesmo tempo em que era colocada como a verdade desnuda do homem, a loucura era rechaçada para um espaço neutralizado e pálido e, assim, anulada. Foucault se pergunta como o homem pode colocar tão à distância esta figura de si mesmo, passando-a para o outro lado do limite. A loucura, conforme o autor, deve ser vista como uma linguagem, onde a ausência de sentido, ausência de significados, retrata não o nascimento de uma obra; **“ela designa a forma vazia de onde vem essa obra, o lugar de onde ela não cessa de estar ausente, no qual jamais a encontramos porque jamais aí se encontrou”** (id.,p.218) grifo nosso. A loucura é exatamente o contraponto da obra.

Foucault coloca a loucura do lado da linguagem, longe do patológico, desfazendo sua pertença às categorias médicas e antropológicas, mas sim fazendo parte do sujeito.

Congruente a essa concepção de sujeito, Foucault desenvolve seu pensamento sobre a linguagem, o limite e a transgressão. Conforme o autor, o homem não começa com a liberdade, mas com o limite. Foucault irá ressaltar que os interditos dos gestos são bastante conhecidos por nós, visto o regime de proibição do incesto observado em cada cultura. Quanto aos **interditos da linguagem** seriam mais difíceis de identificação.

Para o autor, são quatro as formas de interditos da linguagem. Existem as “faltas de linguagem”, ou seja, palavras que não constam de nosso código linguístico, existe também a censura que age sobre as palavras ou expressões da série “palavras blasfematórias”, e ainda uma outra censura que age sobre as “significações intoleráveis” para uma dada cultura em certo momento. Contudo, é sobre um quarto tipo de interdito da linguagem que Foucault irá se debruçar. O autor descreve uma quarta forma de interdito que seria a **linguagem excluída**;

“...ela consiste em submeter uma palavra, aparentemente conforme o código reconhecido, a um outro código cuja chave é dada nesta mesma palavra; de tal forma que esta é desdobrada no interior de si: ela diz o que ela diz, **mas ela acrescenta um excedente mudo que enuncia silenciosamente o que ela o diz e o código segundo ela diz.** Não se trata aqui de uma linguagem cifrada, mas de uma linguagem esotérica. Quer dizer: ela não comunica, ao escondê-la uma significação interdita; **ela se instala, para começo de jogo, em uma dobra essencial da palavra.....** É essa liberação obscura e central da palavra no coração dela própria, sua fuga incontrolável para uma moradia sempre sem luz, que nenhuma cultura pode aceitar imediatamente. Não é em seu sentido, não em sua matéria verbal, mas em seu *jogo* é que uma palavra é transgressiva” (FOUCAULT, A Loucura, a Ausência da Obra, p. 214-215) grifo nosso.

Vemos, portanto, em Foucault a linguagem como transgressão, como possibilidade de criação. O autor, ainda, refere-se à psicanálise e afirma que só com Freud a experiência

da loucura foi deslocada para esta última forma de interdito da linguagem. **A loucura surge, então, como uma linguagem implicando-se nela própria.** Segundo o autor;

“...a loucura apareceu, não como a astúcia de uma significação escondida, mas como uma prodigiosa **reserva de sentido**. É preciso ainda entender, como convém, essa palavra “reserva”: muito mais que uma provisão, **trata-se de uma figura que retém e suspende o sentido, ordena um vazio no qual não é proposta senão a possibilidade ainda não cumprida de que tal sentido venha ali alojar-se, ou um outro, ou ainda um terceiro, e isso ao infinito, talvez. A loucura abre uma reserva lacunar que designa e faz ver esse oco no qual a língua e fala implicam-se, formam-se uma a partir da outra e não dizem outra coisa senão sua relação muda.**” (FOUCAULT, id., p.216) grifo nosso.

Foucault afirma que com as descobertas de Freud a loucura tornou-se uma não-linguagem ou uma linguagem dupla. A loucura nos aponta para uma **“dobra do falado que é uma ausência de obra”** (FOUCAULT, ib., p.216). Ou seja, **a partir de Freud, conforme o autor, a linguagem passou a ser considerada em sua não plenitude.** Para o autor, a loucura pode ser vista como constituinte do sujeito, na medida em que a experiência da loucura fala da divisão do sujeito, e que é na **dobra do falado**, na ausência de obra, que é possível qualquer produção criativa.

Pouco antes, em 1963, em “Prefácio à Transgressão”, Foucault já havia descrito um movimento inerente ao sujeito ao qual chamou de jogo do limite e transgressão, onde já articulava a linguagem nesse contexto. Conforme o autor, a transgressão é um gesto relativo ao limite, onde **limite e transgressão articulam um jogo**. A transgressão transpõe uma linha que se fecha imediatamente, apresentando-se como aparentemente intransponível. Contudo, esse movimento não cessa, recomeçando infinitamente. Conforme Foucault;

“O limite e a transgressão devem um ao outro a densidade de seu ser : inexistência de um limite que não poderia ser absolutamente transposto; vaidade em troca de uma transgressão que só transporia um limite de ilusão ou de sombra.” (FOUCAULT, Prefácio à Transgressão, p.32)

**O limite de que se trata é da ordem do que se abre para o ilimitado.** A transgressão leva o limite até o limite do seu ser, conduz a seu desaparecimento iminente, que nesse momento reconhece-se pela primeira vez, **o limite só é percebido no momento de sua perda.** É um movimento de pura violência onde a transgressão faz ultrapassar o limite. Conforme o autor, sobre a transgressão:

“Contra o que ela dirige sua violência e a que vazio deve a livre plenitude do seu ser senão àquele mesmo que ela atravessa com seu gesto violento e que se destina a barrar no traço que ela apaga?” (FOUCAULT, id., p.33)

**O limite, para o autor, não é uma verdade, mas uma ilusão construída sobre um vazio.** Não há uma oposição entre limite e transgressão, mas uma ligação, uma relação em espiral que não se extingue nunca. A transgressão, conforme o autor, não opõe nada a nada, não triunfa sobre os limites que ela apaga, ela afirma o ser ilimitado abrindo-o à existência. Sobre a transgressão Foucault descreve que:

“Ela afirma o ser ilimitado, afirma o ilimitado no qual ela se lança, abrindo-o pela primeira vez à existência. Mas pode-se dizer que essa afirmação nada tem de positivo: nenhum conteúdo pode prendê-la, já que, por definição nenhum limite pode retê-la. Talvez ela não passe da afirmação da divisão”.(FOUCAULT, ib., p. 33)

Com referência à linguagem, nesse mesmo texto, o autor descreve que **o filósofo aprende que ele próprio não é dono de sua linguagem como um deus todo-falante,** que ele descobre que existe uma linguagem que fala e da qual ele não é dono, uma linguagem

que ele falou, mas que desde então está separada dele, que no próprio momento de falar ele não está alojado no interior de sua linguagem sempre da mesma maneira, que no lugar do sujeito falante da filosofia escavou-se um vazio onde se combina e se exclui uma multiplicidade de sujeitos falantes.

Foucault também aponta para um vencimento da linguagem filosófica e a possibilidade do **“filósofo louco”**, que encontraria, não no exterior de sua linguagem de forma imaginária, mas nela mesma, no núcleo de suas possibilidades, a transgressão de seu ser de filósofo. O autor conclui enfatizando sobre a transgressão: **“Linguagem não dialética do limite que só se desenvolve na transgressão daquele que fala”** (ib., p.40) grifo nosso.

É importante ressaltarmos que a transgressão em Foucault não é uma perversão. O perverso em psicanálise é aquele que reconhece a lei, mas a “ignora”. Ele trabalha com a lei, precisa da lei para renegá-la. Já a transgressão é pensada como a ultrapassagem de limites históricos. O limite está dentro do jogo da lei. **A transgressão derruba o limite e a lei, não gira em torno deles.** O limite está inserido na lei num dado momento histórico, é produto e causa da lei, onde ambos acabam por serem transpostos, dando origem a um novo limite e a uma nova lei.

Foucault em seu trabalho de 1983, “O Sujeito e o Poder”, define que o sujeito é ativo enquanto participante de uma luta de forças que atua nele próprio e em sua relação com o outro. O que existirá são **“relações de poder”**, ou seja, um combate onde o sujeito através da **resistência** enfrenta as forças que atuam nele mesmo e as provenientes de outros sujeitos, sendo ações sobre ações.

Sendo assim, é no **movimento do limite e transgressão**, onde a resistência entrará nesse jogo, que num dado momento **algo é perdido**, o limite fica para trás, e, diante do

ilimitado que se abre, a transgressão movida pela resistência cria um novo limite, um novo assujeitamento, e assim incessantemente.

Em relação à linguagem, como linguagem transgressiva, situando a experiência da loucura na “dobra do falado”, como ausência de obra e possibilidade de criação de novos sentidos, é, como dissemos, que podemos pensar que Foucault corrobora a clínica psicanalítica. A psicanálise trabalha com a linguagem e é através do reviramento da posição do sujeito que a análise caminha. Primordialmente, não se trata de descobrir uma outra linguagem obscura já existente por trás do discurso do enunciado, mas sim a partir dos atos falhos, dos chistes, dos lapsos e do sintoma que existem na linguagem, no discurso da enunciação, possibilitar a construção de uma linguagem nova, que deixa falar o inconsciente, permitindo a invenção e reinvenção do sujeito.

## Referências Bibliográficas:

FOUCAULT, M. (1963). “Prefácio à Transgressão”. In *Ditos e Escritos*, v.III. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

\_\_\_\_\_. (1964). “A Loucura, a Ausência da Obra”. In *Ditos e Escritos*, v. I. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

\_\_\_\_\_. (1983). “O Uso dos Prazeres e as Técnicas de Si”. In *Ditos e Escritos*, v. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

\_\_\_\_\_. (1983). *Uma Trajetória Filosófica, O Sujeito e o Poder*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

VAZ, P. (1992). “A Crítica: o Ser, o Limite e a Transgressão”. In *Um Pensamento Infame*. Rio de Janeiro: ed. Imago.

Rio, 03 de dezembro de 2009.

- A responsabilidade dos artigos assinados é dos seus autores.



